ARQUEOLOGIA URBANA (MODERNA) NO CONTEXTO BRASILEIRO: COLETA DE DADOS E ANÁLISE INICIAL

Piero Alessandro Bohn TESSARO
Doutorando em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia – USP
pierotessaro@gmail.com

Resumo: Os conceitos que definem uma mudança de paradigma e consolidação de campo da Arqueologia Urbana surgem no contexto mundial apenas em fins dos anos de 1960, sendo, "arqueologia na e da cidade". No contexto brasileiro, esses conceitos só irão aparecer na primeira metade dos anos de 1990, no entanto, irão passar a contribuir de forma mais efetiva para o pensamento em torno dessa arqueologia no século XXI. Nesse mesmo período, início do século XXI, é que reformulações no contexto mundial, trazem para o cenário brasileiro o conceito de "arqueologia para a cidade". Essa pesquisa visa apresentar esse campo da arqueologia no contexto brasileiro, uma coleta de dados e uma análise preliminar sobre a produção acadêmica, para que oriente também o autorreconhecimento como um campo próprio que permitirá a ampliação das discussões teóricas e metodológicas dele.

Palavras-chave: Arqueologia Urbana; Contexto Brasileiro; Campo.

Abstract: The concepts that define a paradigm shift and consolidate the field of Urban Archaeology only appeared in the world in the late 1960s, namely "archaeology in and of the city". In the Brazilian context, these concepts would only appear in the first half of the 1990s, but they would contribute more effectively to the thinking around this archaeology in the 21st century. It was during this same period, at the beginning of the 21st century, that reformulations in the global context brought the concept of "archaeology for the city" to the Brazilian scene. This research aims to present this field of archaeology in the Brazilian context, a collection of data and a preliminary analysis of academic production; so that it also guides self-recognition as a field of its own that will allow for the expansion of its theoretical and methodological discussions.

Keywords: Urban Archaeology; Brazilian context; Field.

Arqueologia Urbana Moderna

A arqueologia em cidades já ocorria ao menos desde os primeiros passos dessa Ciência, como fica evidenciado em alguns trechos da história do pensamento arqueológico apresentada por Trigger (2004), como por exemplo:

> Quando um machado de pedra lascada foi encontrado sob uma rua londrina, no final do século XVII, perto de um esqueleto do que seria, provavelmente, um mamute, o antiquário John Bagford interpretou o achado como sendo um elefante de guerra, trazido para a Britânia pelo imperador Romano Cláudio, em 43 d.C, e morto por um antigo bretão armado com uma lança de ponta de pedra (Grayson, 1983: 7-8). Esta

> interpretação firmava-se claramente numa tradição de arqueologia apoiada em textos. (Trigger, 2004, pp. 85, grifo nosso)

No entanto, apenas no contexto pós Segunda Guerra Mundial é que a arqueologia urbana irá se definir como um subcampo próprio do contexto mais amplo da ciência arqueológica. Tania A. Lima (2022) defende essa ideia se referenciando ao contexto europeu, porém, é nos EUA que irão ocorrer as definições de conceitos que, articulados, definem esse subcampo, influenciados pela antropologia urbana e os conceitos de Antropologia na e da Cidade (Gravano, 2018).

No final dos anos de 1960, Bert Salwen e outros arqueólogos, como Nan A. Rothschild, seguindo o movimento processualista do período se aproximam desses conceitos para pensar a arqueologia que vinha sendo efetuada em áreas urbanas e passando a considerar o urbano como um fator específico para essa Arqueologia na e da Cidade (Salwen, Archaeology in Megalopolis, 1973; Salwen, Archaeology in Megalopolis: update assessment, 1978; Staski, Advances in Urban Archaeology, 1982; Staski, Living in Cities: current research in Urban Archaeology, 1987a; Staski, Living in Cities: an introduction, 1987b). Em síntese o primeiro conceito se refere as ações arqueológicas que ocorrem na cidade, desconsiderando a urbanização como um fator, enquanto, o segundo, refere-se a ideia de considerar esse.

Essas perspectivas não são excludentes entre si, apesar de serem basicamente opostas. A segunda arqueologia da cidade decorre na definição de um outro conceito, que se trata da cidade sítio (Cressey & Stephens, 1982), uma vez que a ideia é pensarmos a cidade toda como um sítio arqueológico único e não contextos independentes. Mais tarde, já no século XIX, outro arqueólogo urbano, Edward Staski, revisita o conceito de archaeology of the city, sem alterá-lo na escrita, mas lhe inserindo a perspectiva de que as pesquisas devem fornecer informações para uso dos urbanistas; tal revisão foi traduzida no contexto brasileiro como uma arqueologia para a cidade (Tessaro, 2014).

Mesmo com esses conceitos, o que passa a definir a arqueologia urbana como um campo dentro da Ciência Arqueológica é o seu autorreconhecimento. A pesquisa em bancos de dados da produção brasileira visa identificar o início dessa arqueologia urbana moderna no Brasil e como ela vem se delineado, visando que o diálogo em torno desse campo seja ampliado para que também haja um autorreconhecimento desse campo no nosso contexto de produção.

Um panorama inicial para Arqueologia Urbana brasileira

O histórico da Arqueologia Urbana no Brasil não difere muito do contexto geral, iniciando, no entanto, num período não tão recuado. Assim como demonstrado no histórico mais amplo, ela encontra-se fortemente ligada a Arqueologia Histórica. Mais que isso, ela ainda permanece sob a sombra dessa. Esse fator, inclusive leva a mesma a ser tratada como arqueologia histórica, independente das influências conceituais ou teóricas que ela possuiu.

Isso dificulta atribuir uma data específica para o início da Arqueologia Urbana no

contexto brasileiro, seja do ponto de vista reflexivo, ou mesmo de estudo de casos. Assim, diferenciar qualitativamente Arqueologia Urbana e Arqueologia Urbana Moderna é ainda mais complexo. Como solução compreendo o uso da palavra-chave/conceito Arqueologia Urbana como marcador cronológico através do autorreconhecimento, que ocorre em um texto de 1984, denominado "Sistemas Construídos e Memória Social: uma Arqueologia Urbana?" (Vogel & Mello, 1984).

Pode haver textos anteriores, os quais não foram encontrados em bases de publicações, até o momento, mas consideremos esse o primeiro texto contendo uma autodeclaração enquanto Arqueologia Urbana. Portanto, o antes desse histórico precisa ser engendrado dentro do histórico da Arqueologia Histórica Brasileira, para aqui e ali observarmos indicações de pesquisas em contextos urbanos. Dificilmente encontraríamos referenciais para essa arqueologia em textos direcionados para contextos pré-coloniais.

Segundo Lima (1993), as primeiras pesquisas relacionadas a contextos de colonizadores, ou de descendentes e contatos com populações nativas ocorrem na primeira metade do século XX. A autora cita as primeiras pesquisas ocorridas fora de contextos urbanos. No entanto, devemos considerar outro ocorrido do período, em 1937 é decretada a Lei nº 25, de 30 de novembro, pelo então presidente Getúlio Vargas, resultando na criação do SPHAN, sendo ela atrelada a um momento cultural vanguardista brasileiro da arte moderna, que esteve altamente ligada a um ideário nacionalista/tradicionalista. Mas o que importa nessa Lei é que ela vem a intensificar o interesse, mesmo que pautado pelo patrimônio arquitetônico, na preservação da história nacional.

Mesmo que o interesse recaia sobre o patrimônio arquitetônico, há um livro tombo destinado ao patrimônio arqueológico, sendo, portanto, uma indicação de consideração desse potencial. Além disso, o próprio patrimônio arquitetônico, inclusive os que se encontram em áreas urbanas, são alvo de pesquisas que venham a auxiliar projetos de restauro. Nesse aspecto a arqueologia estaria atuando mais como uma arqueografia (Lima, Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960 - 1991), 1993; Symanski, Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos, 2009), aspecto que perpetua no contexto brasileiro até ao menos a década de 1980.

> O segundo momento, que intensifica a pesquisa voltada para os contextos históricos, incluindo os que se encontram em áreas urbanas está atrelado a outra lei federal, a 3.924, de 26 de julho de 1961, conhecida como Lei da Arqueologia e que inclusive gerou a comemoração do Dia do Arqueólogo no vigésimo sexto dia julho.De fato, foi apenas no início dos anos de 60 que a Arqueologia Histórica emergiu formalmente reconhecida com um campo de pesquisa, através de investigações conduzidas por arqueólogos pré-historiadores em sítios históricos. A disciplina a esta época, fortalecida pelos dispositivos da recém-criada lei n. 3924, entrava em uma fase de grande dinamismo com implementação de pesquisas por todo o país.
> [...] Uma acentuada atração por exemplares da arquitetura colonial determinou, por um considerável intervalo de tempo, os rumos da Arqueologia Histórica no Brasil, que se voltou para a investigação de igrejas, conventos, missões, fortificações, solares, etc. (Lima, 1993, p. 226)

Destaque seja dado ao indicado no segundo trecho da citação, onde as sugestões contextuais, muitas vezes estão relacionadas a áreas urbanas. É apenas nos anos de 1980 que a arqueologia histórica então em desenvolvimento irá se voltar para contextos marginalizados, inclusive por outras ciências:

> Campos de batalha, quilombos, simples u**nidades domésticas, becos urbanos, quintais**, caminhos, povoados, fazendas, senzalas, t**ecnologias de processamento de determinados materiais**, entre outros, passaram a ser valorizados como objetos de investigação. (Lima, 1993, pp. 228, grifo meu)

É justamente também nesse período que é apresentado o texto autodeclarando-se como Arqueologia Urbana (Vogel & Mello, 1984) e que traz consigo, apesar de não conter citações, as ideias vanguardistas; buscando "perspectivas mais generalistas, aspectos políticos, ideológicos, estruturais e simbólicos dos fenômenos analisados" (Lima, 1993, p. 229). Porém cabe salientar que essas ideias de cunho processualista, são restritas a poucos trabalhos.

Quanto ao texto indicado como inicial do pensamento arqueológico urbano brasileiro, ele é de cunho reflexivo, porém, essa foi alavancada devido aos processos de urbanização do bairro Catumbi, da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1979. Ele foi orientado por um viés etnográfico que identificou a coexistência de materialidades do passado com a materialidade do presente em relação às memórias dos moradores locais. Os autores apontam a Arqueologia Urbana como:

> A justificativa da proposta de uma Arqueologia Urbana, do ponto de vista epistemológico, reside nas três contribuições essenciais que esta perspectiva poderia oferecer ao campo de investigação sobre meios urbanos em nossa sociedade.
> Em primeiro lugar, está a preocupação com a diversidade dos modos e estilos de vida que encontram na base de nossa formação social. [...]
> A preocupação fundamental vai no sentido de estabelecer as bases para uma compreensão de identidades culturais, a partir dos sistemas construídos vistos como totalidades atuais de uma sociedade urbana. Essas identidades, entretanto, só se definem em virtude da constante mistura do velho com o novo, do tradicional com o moderno, das permanências com as inovações. [...]
> [...]
> A terceira contribuição da perspectiva aqui adotada seria, precisamente, recuperar os estudos e as análises voltadas para o habitual, em oposição ao excepcional. [...]
> A cidade surge, neste sentido, como o theatrum da sociedade. Ela é o lugar da representação e da expressão. Os lugares urbanos são palcos onde se representam os papéis mais significativos para os diferentes grupos sociais que habitam a cidade. Como são estes os responsáveis pelo aspecto e conformação desses lugares, podemos acrescentar que, através deles (lugares) se expressam os valores afeiçoados na sociedade. O espaço construído é, portanto, um elemento constitutivo da própria cultura e confere ao modo de vida vigente o seu caráter peculiar. (Vogel & Mello, 1984, pp. 48 - 49)

Essa extensa transcrição serve para entendermos, corroborando com o histórico anteriormente mencionado, que essa ideia dos autores está assentada como algo inovador para o período, fazendo parte dos poucos trabalhos, até mais restrita ainda, a apresentar características que serão notadas mais tardiamente, relacionadas a uma arqueologia pós-processual. Entretanto, o texto é uma reflexão livre, sem indicar referências, aproximando-se, porém, das ideias da arqueologia urbana moderna que considera o contexto de urbanização em primeiro plano.

Materiais e métodos

Esse texto de Vogel e Mello foi identificado através de pesquisa em repositórios nacionais, que gerou a primeira base de levantamento das pesquisas, mas que também, e por conta da especificidade apresentou uma certa falha, necessitando recorrer a outros mecanismos para filtrar e até mesmo agregar dados que pudessem vir a dar uma ideia do contexto da Arqueologia Urbana Brasileira. A seguir listo os repositórios que utilizei:

1. PBi – Portal de Buscas Integradas da USP
2. Periódicos Capes
3. BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Além disso, a pesquisa nesses bancos de dados foi efetuada através de busca booleana, aplicando conectivos e/ou restritivos junto ao texto de pesquisa: Arqueologia Urbana (como tema, assunto ou parte de título). Problemas que foram encontrados nesse processo de pesquisa, correspondem a resultados que incluíam textos referentes a países de língua portuguesa, mas não de contexto brasileiro; textos de arqueologia clássica que tratavam de urbanização do período clássico; e textos que tratavam de questões urbanas e que ainda utilizavam o conceito foucaultiano de arqueologia. Nesses casos, mesmo colocando restrições em parâmetros da pesquisa, ocorriam falhas que ou excluíam tudo de resultados, ou mesmo, continuavam apresentando alguns itens que escapavam às restrições. Nesses casos, optei por efetuar uma filtragem através de verificação de cada item apresentado, uma vez que nos dois primeiros bancos de dados o resultado transitou entre 500 e 600 itens.

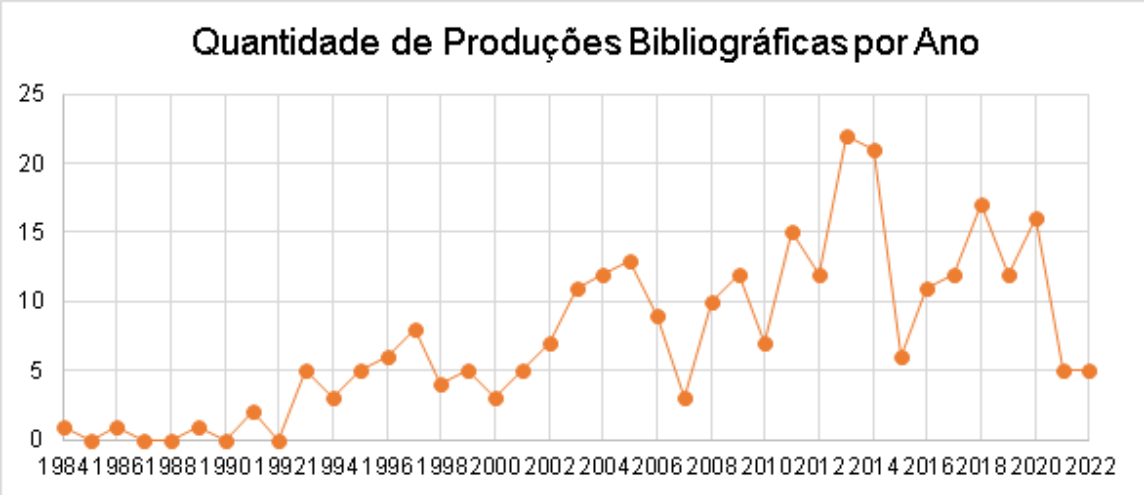
Posteriormente a isso, e considerando os problemas da pesquisa, visando complementar o levantamento efetuado, comecei a adentrar nos currículos lattes de pesquisadores conhecidamente com trabalhos em arqueologia urbana, ou mesmo os que apareceram nas pesquisas de banco de dados; isso possibilitou inclusive incluir pesquisas consideradas como arqueologia histórica, mas que ocorreram em áreas urbanas. As pesquisas em áreas urbanas, voltadas para contextos pré-coloniais não foram verificadas, pela dificuldade que isso traria, além de não serem identificados como arqueologia urbana, possivelmente teria necessidade de verificar localização de sítios em milhares de publicações existentes.

Primeiros resultados

O levantamento, portanto, não é preciso, mas ajuda em um panorama da Arqueologia Urbana no Brasil. Ao todo foram encontradas 287 produções entre: artigos, capítulos de

livros, TCC, dissertações, teses, livros e outros; todos entre os anos de 1984 e 2022.[1]

Gráfico 1: Quantificação de produções bibliográficas por ano (1984 – 2022)

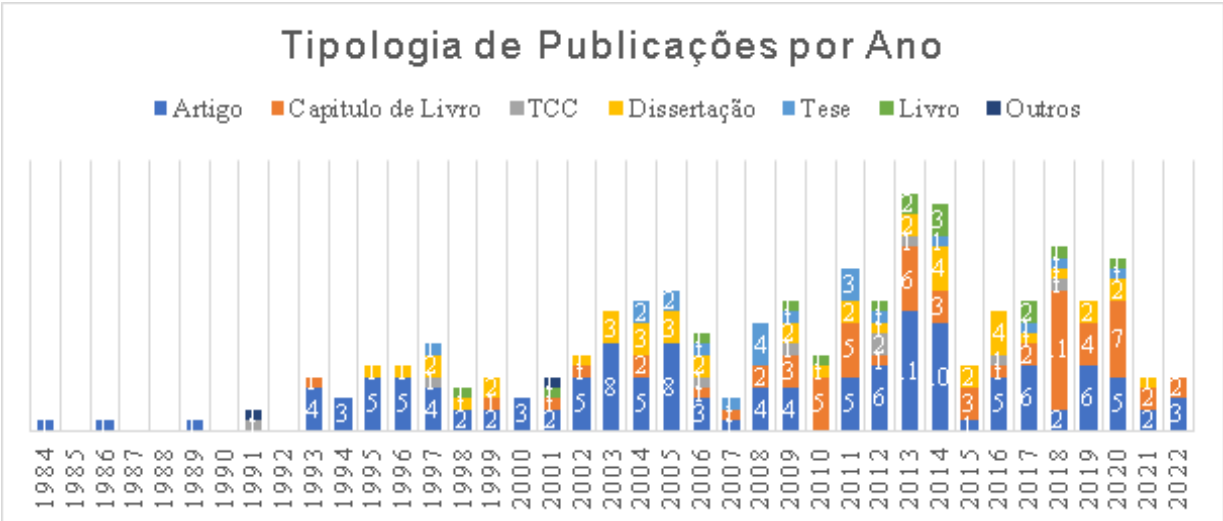


Fonte: Elaborado pelo autor

Esse gráfico demonstra um crescente interesse por temáticas ou objetos de estudos relacionados a cidades, tendo um processo inicial próximo ao que vivenciou a arqueologia histórica, uma vez que esteve sempre associada a ela. A partir de 1995, no entanto, pesquisas relacionadas a contextos urbanos passam a ser mais frequentes na produção bibliográfica. Finalmente, a partir de 2003, há uma tendência de, quase sempre, acima de 10 publicações anuais. Possivelmente devido a uma intensificação de projetos de arqueologia preventiva, por conta da Portaria IPHAN nº 230/2002, como já demostrado em análise efetuada por Rafael de Abreu e Souza (Souza, 2010), com base em levantamentos de relatórios técnicos no IPHAN-SP.

Olhando para esses dados anuais de maneira mais detalhada, considerando quantidade por tipologia de produções, temos a seguinte distribuição:

Gráfico 2: Tipologia de Publicações por Ano (1984 – 2022)



Fonte: Elaborado pelo autor

[1] Recentemente, durante o XXII Congresso da SAB, "Arqueologias Plurais", fui informado da necessidade de inserir nesse levantamento os trabalhos do grupo de Arqueologia da Repressão, que não constam nesse levantamento por não se auto associarem à arqueologia urbana de alguma forma, impossibilitando relacioná-los via levantamento em bancos de dados; sendo um lapso meu ter esquecido deles, assim, acabaram não sendo inseridos por levantamento em currículos. Está situação será corrigida futuramente.

Com esse gráfico fica evidenciado que a partir de 1996 trabalhos com maior tempo de pesquisa passam a aparecer, demonstrando que a partir desse período há uma consolidação/amadurecimento das pesquisas arqueológicas voltadas para o urbano. Nesse aspecto, levo em consideração as dissertações de mestrado e teses de doutorado que passam a ser defendidas com essa temática. Não considerei os TCC's, pois houve dificuldade de identificar tais trabalhos de conclusão de curso nos repositórios e certamente muitos faltariam no levantamento de currículos lattes.

A primeira dissertação de mestrado defendida com temática de arqueologia urbana é do pesquisador Wagner Gomes Bornal, que trata da cidade de São Sebastião – SP, através do Sítio Histórico São Francisco. A dissertação foi denominada como "Sítio Histórico São Francisco - Um estudo de Arqueologia Histórica" (Bornal, 1995). A orientação desse mestrado foi efetuada pela arqueóloga e professora Dr. Margarida Davina Andreatta, que era lotada no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, e que já vinha desde os anos de 1980 se dedicando à Arqueologia Urbana Paulistana, mesmo tendo uma formação em Arqueologia Pré-Colonial/Pré-Histórica. Nota-se que o próprio título da dissertação não faz referência a arqueologia urbana e sim histórica, além de não possuir referenciais bibliográficos da arqueologia urbana moderna.

A primeira tese de doutoramento, também efetuada na USP, mas no programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia Social), é de Eliete Pythagoras Britto Maximino, sob coordenação do Professor Dr. José Luiz de Morais, denominada "Porto de Santos e o Portinho dos Piratas em Perspectivas: um estudo de Arqueologia Industrial" (nome no banco de dados da USP), ou "Porto do Valongo e o portinho dos piratas de Bertioga: um estudo de Arqueologia Histórica Industrial" (Currículo Lattes da pesquisadora) (Maximino, 1997). A tese trata da cidade de Santos - SP, mas também sem referenciar a Arqueologia Urbana, apresentando uma subárea da Arqueologia Histórica, a Arqueologia Industrial.

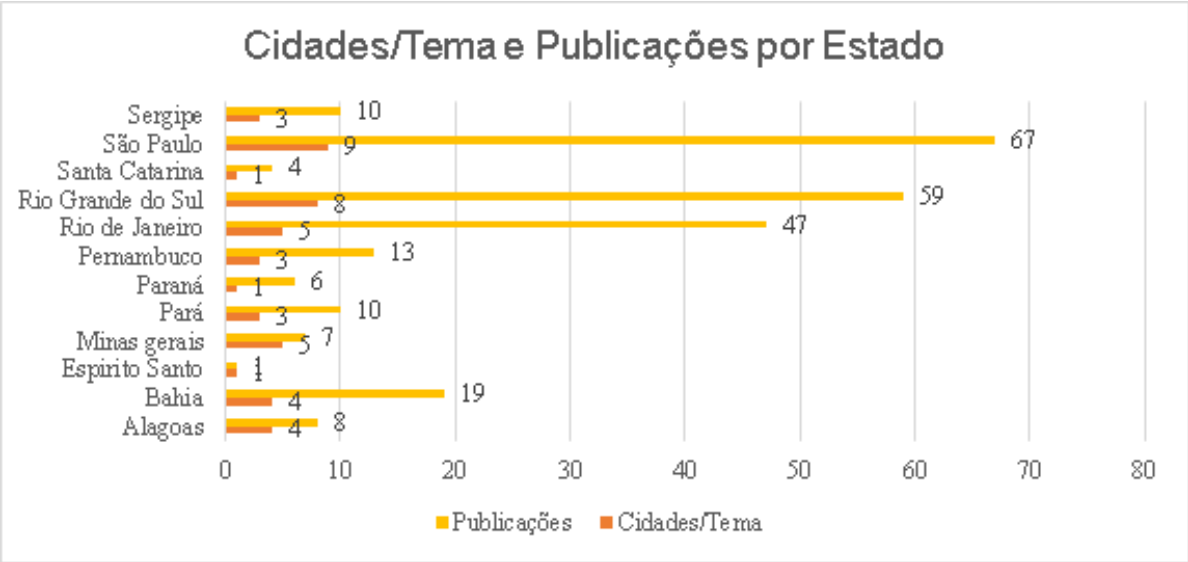
Importante destacarmos que os primeiros trabalhos de pesquisa com maior densidade não se referem a cidades/capitais, como se esperaria serem sobre Salvador, Rio de Janeiro, ou São Paulo. Essa última cidade, por exemplo, possuía um programa de Arqueologia Urbana ligado ao Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), da Prefeitura Municipal de São Paulo, onde a Professora Margarida D. Andreatta, desde os anos de 1980, vinha desenvolvendo pesquisas e formando profissionais que pesquisavam a cidade de São Paulo.

Com isso, entramos em outro trecho importante das pesquisas em Arqueologia Urbana, as cidades que já foram temas, nesse caso, das 287 bibliografias levantadas temos um total de 47 cidades/tema, 9 pesquisas que apresentam temática com diversas cidades e 27 reflexões teórico-metodológicas. Devido a grande quantidade de cidades/tema, optei por decupar os dados para apresentar. Assim, primeiramente apresento o Gráfico 3, com os dados por estados quantificando as cidades/tema e publicações.

É possível observar pelo gráfico a presença de quatro (4) estados do Nordeste, um (1) do Norte e todos do Sul e Sudeste, demonstrando predominância dessas duas últimas regiões brasileiras no desenvolvimento de pesquisas arqueológicas urbanas. Dentre os

Estados, os que possuem 5 ou mais cidades contempladas com pesquisa são: São Paulo (9), Rio Grande do Sul (8), Rio de Janeiro (5) e Minas Gerais (5). Já quanto as publicações, considerando 15 ou mais, temos: São Paulo (67), Rio Grande do Sul (59), Rio de Janeiro (47) e Bahia (19). Interessante notar que 3 Estados aparecem nas duas categorias – São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro – demonstrando não só a diversidade em cidades/tema, mas também que se publica muito sobre as pesquisas efetuadas nesses locais.

Gráfico 3: Quantificação de Cidades/Tema e Publicações por Estado (1984 – 2022)

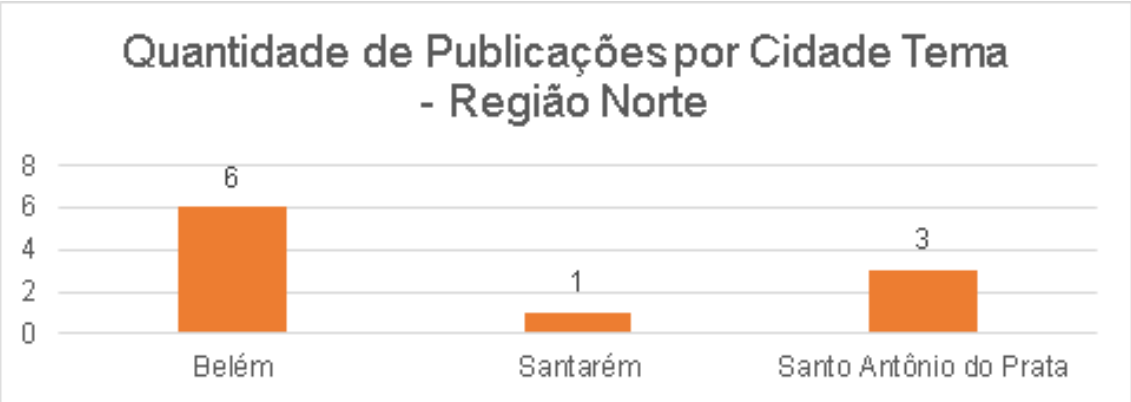


Fonte: Elaborado pelo autor

Esse gráfico também demonstra que a maior parte das pesquisas em arqueologia urbana encontra-se na região Sul e Sudeste, o que vai ao encontro até com o desenvolvimento da Arqueologia Histórica, que também tem ao menos em sua fase inicial predominância nessas regiões. Provavelmente esse início, com essa característica em comum, influenciou para que recentemente a predominância se mantivesse, ao menos para a Arqueologia Urbana. No caso da Histórica, a região Nordeste, atualmente, apresenta uma grande gama de pesquisas e Estados representados, porém, para pesquisas com cidades, pode ser que elas ainda se identifiquem como Arqueologia Urbana, dificultando assim elas virem à tona para comporem o panorama levantado. Destaca-se também, que não foram encontrados dados para a região Centro-Oeste.

A seguir apresento gráficos de cidades por região brasileira (Gráfico 4 – Norte, Gráfico 5 – Nordeste, Gráfico 6 – Sudeste e Gráfico 7 – Sul).

Gráfico 4: Quantidade de Publicações por Cidade/Tema da Região Norte (1984 – 2022)

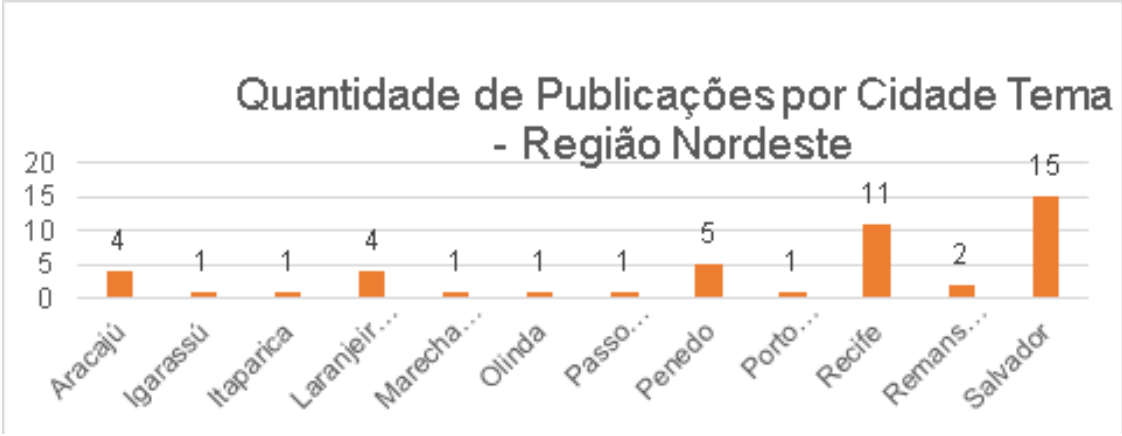


Fonte: Elaborado pelo autor

Em uma revisão sobre a Arqueologia Histórica da Região Norte, Diogo M. Costa (2022) indica um curso ministrado por Margarida D. Andreatta, com temática de Arqueologia Histórica, que embasou os primeiros trabalhos na região. Nesse primeiro momento apenas não foram identificados como de Arqueologia Urbana, no levantamento efetuado por Diogo Costa.

Porém, o final da década de 1990 e início do Século XXI é marcado pelo aumento de estudos arqueológicos com temáticas/contextos urbanos: alguns trabalhos pontuais, que incluem o do Largo do Carmo, em 1996, efetuado por Arno Kern; Projeto Feliz Lusitânia, no Centro Histórico de Belém, entre 1997 e 2002; entre 2002 e 2003, ocorre o Projeto ArqueoUrbs no Centro de Manaus; e por fim mais alguns projetos pontuais ocorreram no Amapá, Rondônia e Pará, na primeira e segunda décadas do século XXI (Costa, 2022).

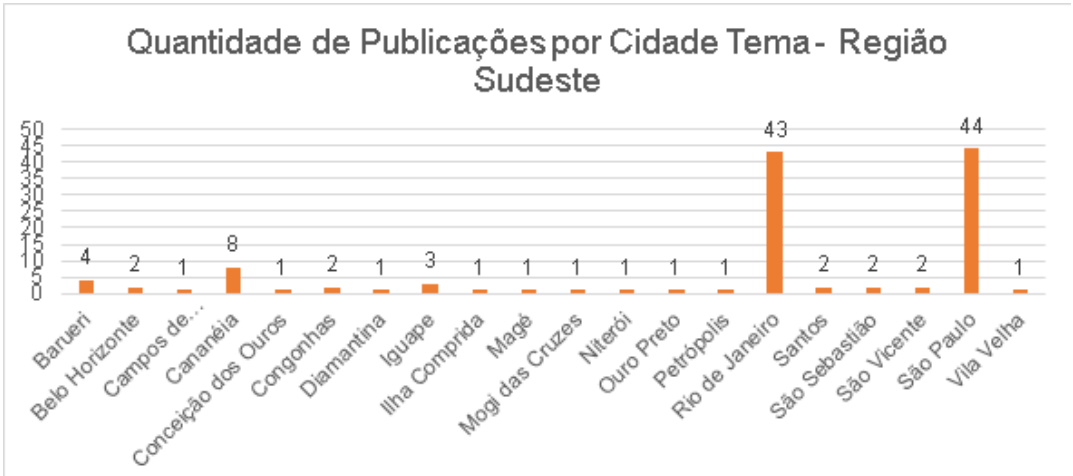
Gráfico 5: Quantidade de Publicações por Cidade/Tema da Região Nordeste (1984 – 2022)



Fonte: Elaborado pelo autor

No contexto nordestino, apesar de uma tradição na Arqueologia Histórica, inclusive ocorrendo em contextos urbanos, Scott J. Allen e Rute Barbosa, indicam a relação com contextos urbanos atrelados aos programas Monumenta e PAC - Cidades Históricas de forma mais ampla e coesa (2022). Ainda nesse mesmo contexto, devido as demandas, foi fomentado o 1° Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana, 2006, ocorrido na cidade de Salvador, que ocorreu em anos sequentes, ao menos mais 3 vezes. Talvez essa incorporação do conceito de arqueologia urbana, através do fórum, influenciou para que, por exemplo, na Cidade de Salvador fosse utilizado o conceito de cidade sítio de Cressey (Allen & Barbosa, 2022).

Gráfico 6: Quantidade de Publicações por Cidade/Tema da Região Sudeste (1984 – 2022)

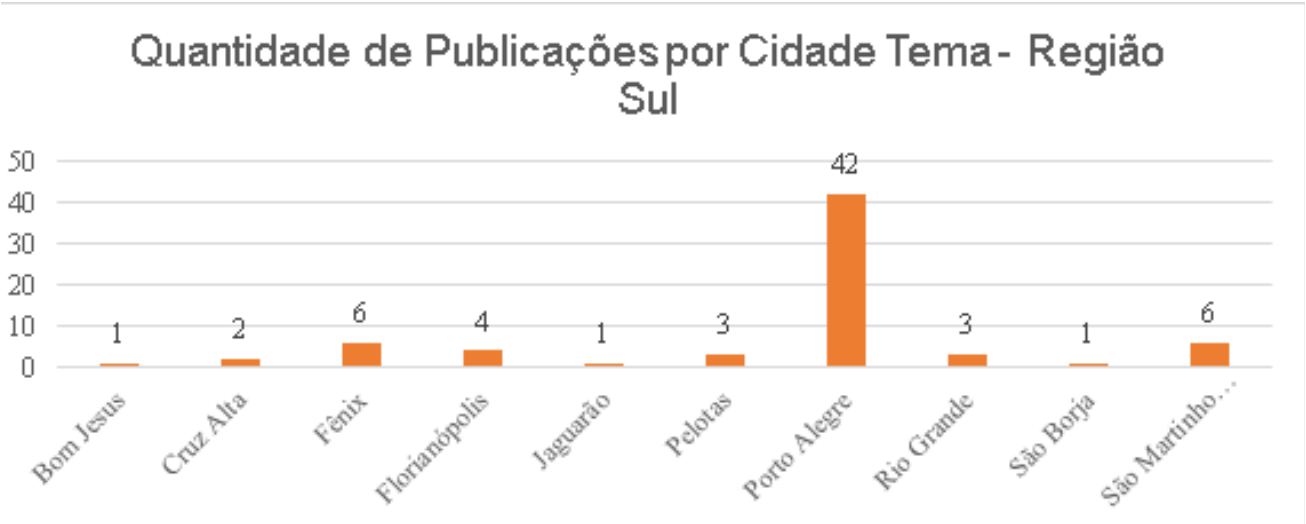


Fonte: Elaborado pelo autor

No contexto do Sudeste, as arqueólogas Silvia A. Peixoto e Christiane L. Machado (2022) indicam duas situações distantes temporalmente como precursoras da arqueologia histórica, em São Paulo – SP, que são relacionadas a contextos urbanos. A primeira é que a busca por relíquias no final do Século XIX, levou a ocorrer coletas no Pateo do Colégio (ZANETTINI apud PEIXOTO e MACHADO, 2022). A segunda já nos anos de 1980, refere-se ao Programa que, sob coordenação da Professora Margarida D. Andreata, estabeleceu uma parceria entre o DPH e o Museu Paulista, gerando diversas pesquisas no contexto urbano de São Paulo, principalmente nas Casas Bandeiristas (Peixoto & Machado, 2022).

No contexto do Rio de Janeiro, destaca-se a Professora Tania Andrade Lima, que desenvolveupesquisas direcionadas ao surgimento do modo de vida burguês no Rio de Janeiro – RJ, efetuando esses estudos no decorrer dos anos de 1990, mas prosseguindo com pesquisas até o momento (Peixoto & Machado, 2022). Dentre essas, cabe elencar como importante a realizada no Cais do Valongo, que foi evidenciado devido às obras de revitalização, tendo os trabalhos coordenados pela arqueoóloga Tânia A. Lima (Peixoto & Machado, 2022). Essa pesquisa, vinculada a arqueologia preventiva, rendeu a ela o prêmio *Hypatia Award* 2023.

Gráfico 7: Quantidade de Publicações por Cidade/Tema da Região Sul (1984 – 2022)



Fonte: Elaborado pelo autor

Para Thiesen e Tavares, na região Sul os primeiros trabalhos em arqueologia urbana ocorrem em Porto Alegre, vinculados ao Museu Joaquim José Felizardo, que culminou, no decorrer da década de 1990, em publicações e na conformação do Programa Arqueologia Urbana de Porto Alegre (2022). Desses trabalhos alguns se tornaram mestrados e doutorados, destacando a pesquisa de Symanski no Solar Lopo Gonçalves – sede do Museu Joaquim José Felizardo – que foi seu mestrado (Symanski, Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX, 1998).

O Rio Grande do Sul é um dos estados com a maioria dos trabalhos em áreas urbanas, não só em sua capital como no interior. Para Santa Catarina, são apontados alguns trabalhos na capital, Florianópolis (Thiesen & Tavares, 2022). Enquanto isso, o Paraná não desponta no arrolamento apresentado (Thiesen & Tavares, 2022), assim como no levantamento demonstrado pelo gráfico apenas aparece a Cidade de Fênix, sem nem

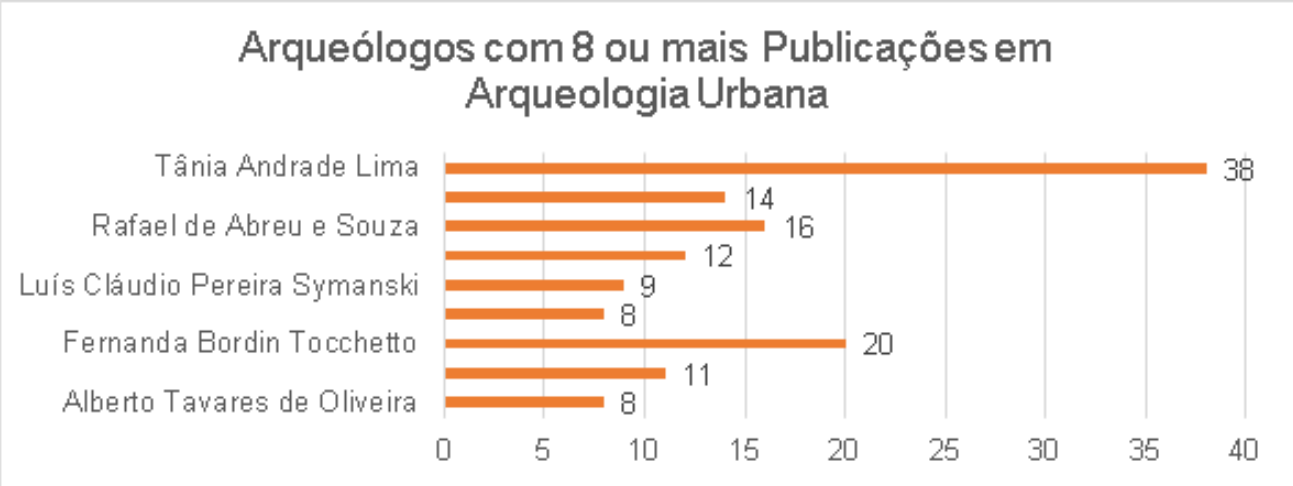
ao menos aparecer pesquisas na capital, como ocorre comumente. Possivelmente há pesquisas vinculadas a Arqueologia Preventiva que não foram acessadas.

Esse é o caso da região Centro Oeste, que não possui gráfico apresentando pesquisas, mas no texto "Arqueologia Histórica no Centro-Oeste do Brasil" (Tedesco & Carvalho, 2022), há uma breve exposição sobre a região, com base em levantamentos efetuados em processos do IPHAN, portanto, ligados em grande parte ao Licenciamento Ambiental/ Arqueologia de Contrato. Nesse caso o primeiro trabalho apontado está associado as obras de restauro da Casa de Fundição do Ouro, em Goiás – GO, efetuado pela equipe de arqueologia do antigo SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1982 (Tedesco & Carvalho, 2022). No decorrer dos relatos, essa parece ser a cidade com maior quantidade de pesquisas no início do Século XXI, tendo outras aparecendo modestamente no mesmo Estado.

Observando esses gráficos (Gráfico 4, Gráfico 5, Gráfico 6 e Gráfico 7) fica evidenciado algo que já havia sido previsto, a presença de publicações, e, portanto, em grande número de cidades/capitais: São Paulo (44), Rio de Janeiro (43), Porto Alegre (42) e Salvador (15), sendo nessa ordem as quatro primeiras cidades com publicações de pesquisas. Permanecendo os Estados e Regiões já listados anteriormente nas relações, Cidades/ Tema e Publicações do Gráfico 3, com representantes. Quando olhamos para as cidades não capitais, é Cananéia – SP (8) que possui a maior representação de publicações.

Quanto aos pesquisadores, devido a grande quantidade, optei por colocar uma linha de corte de oito publicações mínimas para serem considerados na apresentação gráfica, gerando um total de nove arqueólogos; esses representam 47,4% das publicações de Arqueologia Urbana.

Gráfico 8: Arqueólogos com 8 ou mais Publicações de Arqueologia Urbana (1984 – 2022)



Fonte: Elaborado pelo autor

Dentre esses nove pesquisadores alguns são recorrentes em leituras que efetuo sobre a temática, desde a pesquisa do mestrado, dentre eles: Rafael de Abreu e Souza, Paulo Fernando Bava de Camargo, Luís Cláudio Pereira Symanski, Fernanda Bordin Tocchetto, Beatriz Valladão Thiesen e Alberto Tavares de Oliveira. A Professora Dra. Tânia Andrade Lima é recorrente em leituras não direcionadas para temática de Arqueologia Urbana,

talvez por ela vir a utilizar os conceitos modernos dessa subárea quando começa a refletir e publicar sobre as pesquisas no Sítio Cemitério dos Pretos Novos/Valongo. Mesmo assim em análise ao currículo lattes dela, inseri publicações que não se reconheciam como urbanas, mas que ocorreram em áreas urbanas. Isso justifica a grande quantidade de publicações dessa pesquisadora, que não somente tem uma vasta carreira, mas orientou e influenciou pesquisadores que aparecem junto dela nessa lista, como Beatriz Valladão Thiesen.

Uma pesquisadora que deve ser destacada é Fernanda Bordin Tocchetto que, ligada ao Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, encampou diversas pesquisas urbanas em Porto Alegre, gerando grande número de publicações, tendo reflexões que utilizam conceitos da Arqueologia Urbana Moderna.

É importante destacar a presença feminina na inserção e desenvolvimento da Arqueologia Urbana Brasileira. Assim, cabe destacarmos uma outra Professora que não está entre os que possuem mais publicações no tema, mas é de fundamental importância pela influência e orientação de diversos pesquisadores no contexto paulista e paulistano, a arqueóloga Dra. Margarida Davina Andreatta, considerando que ela também influenciou pesquisas em outras regiões do país.

Assim como ela, a arqueóloga Lúcia de Jesus Cardoso de Oliveira Juliani que também não se encontra entre os autores do gráfico, orientanda da professora Margarida, é possivelmente a responsável pela introdução dos conceitos da arqueologia urbana moderna no contexto brasileiro. No artigo intitulado "A Carta Arqueológica como Instrumento de Gestão do Patrimônio Urbano" (Juliani, A Carta Arqueológica como Instrumento de Gestão do Patrimônio Urbano, 1994), parece ser a primeira vez que os conceitos surgem através de citações de textos do Salwen e Cressey; Staski só será referenciado anos mais tarde em sua dissertação de mestrado (Juliani, Gestão Arqueológica em Metrópoles uma Proposta para São Paulo, 1996).

Dentre os orientandos da Professora Margarida, temos que destacar, também, a atuação de Rafael de Abreu e Souza, que em sua dissertação de mestrado, pensou o contexto do Sítio Petybon, antiga fábrica de louças Santa Catarina, no escopo urbano da cidade de São Paulo. Tendo utilizado os conceitos de arqueologia na, da e para a cidade em sua densa reflexão e posteriormente, fazendo a reflexão inicial do conceito de arqueologia com a cidade, junto de Piero Tessaro.

O arqueólogo Scott Joseph Allen, apesar de aparecer como um dos que mais produziram bibliograficamente, não chega a utilizar os conceitos da arqueologia urbana moderna, pelo que identificamos até o momento. No entanto, possui produção relacionada com áreas urbanas.

Outro pesquisador que gostaria de destacar é o arqueólogo Paulo Bava de Camargo, que apesar de academicamente ter se direcionado para a Arqueologia Portuária e Subaquática, utilizou os conceitos da arqueologia urbana moderna em algumas de suas pesquisas, como Cananéia, sendo esse um dos motivos da cidade despontar como a que possui maior número de publicações arqueológicas fora das capitais. Ele também parece ser o responsável por introduzir o conceito de arqueologia para a cidade, com base na

sua interpretação do texto "Living in Cities Today" (Staski, Living in Cities Today, 2008).

Cabe destacar que os arqueólogos qualificados acima integram um quadro total de 68 pesquisadores que produziram bibliograficamente sobre arqueologia urbana no Brasil. O que é um número considerável, para o contexto geral da Arqueologia no Brasil. A Figura 1, possui um QRcode para acesso à tabela de levantamento das publicações, com solicitações para editar outros pesquisadores podem inserir dados na mesma.

Figura 1: QRCode de acesso a planilha de levantamento de dados bibliográficos (pode ser efetuada solicitação para contribuir na planilha)

Considerações finais

Como explicitado inicialmente, esse artigo apresentou dados e análises preliminares e que compõem parte da pesquisa de doutorado do autor. No entanto, muito ainda pode ser feito: incluir dados que nitidamente faltaram; analisar os diferentes pensamentos por trás das pesquisas apresentadas; explorar a predominância e protagonismo femininos no contexto da arqueologia urbana brasileira; entre outras possibilidades.

O que fica de importante dessa fase preliminar é que já temos uma arqueologia urbana consolidada como um campo específico no nosso contexto, não como uma adjetivação, mas como uma parte específica da Ciência arqueológica. Mais ainda, em decorrência de ser, essa arqueologia precisa também se autorreconhecer para que suas discussões, práticas e teorias possam ser aprofundadas.

Referências Bibliográficas

ALLEN, S. J., & Barbosa, R. (2022). Arqueologia Histórica no Nordeste: um panorama. Em L. C. Symanski, & M. A. Souza, A**rqueologia Histórica Brasileira** (pp. 513 - 542). Belo Horizonte: Editora UFMG.

BORNAL, W. G. (1995). **Sitío Histórico São Francisco: uma contribuição a arqueologia histórica.** FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, São Paulo.

COSTA, D. M. (2022). Arqueologia Histórica na Região Norte do Brasil. Em L. C. Symanski, & M. A. Souza, **Arqueologia Histórica Brasileira** (pp. 491 - 512). Belo Horizonte: Editora UFMG.

CRESSEY, P. J., & Stephens, J. F. (1982). The City-Site Approach to Urban Archaeology. Em R. S. Dickens Jr., **Archaeology of Urban America: the search for pattern and process** (pp. 41 - 61). New York: Academic Press Inc.

GRAVANO, A. (2018). Hacia una Arqueología de lo Urbano. **Urbania. Revista lationoamericana de arqueología e historia de las ciudades**, 7, pp. 13-20. doi:10.5281/zenodo.2539725.

JULIANI, L. d. (1994). A Carta Arqueológica como Instrumento de Gestão do Patrimônio Urbano. **Revista de Arqueologia** (8(2)), pp. 365 - 374.

JULIANI, L. d. (1996). **Gestão Arqueológica em Metrópoles uma Proposta para São Paulo.** FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, São Paulo.

LIMA, T. A. (1993). Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960 - 1991). **Anais do Museu Paulista** (1), pp. 225 - 262. doi:https://doi.org/10.1590/S0101-47141993000100015.

LIMA, T. A. (2022). No Asfalto: **Arqueologia histórica urbana no Brasil.** Em L. C. Symanski, & M. A. Souza, Arqueologia Histórica Brasileira (pp. 115 - 167). Belo Horizonte: Editora UFMG.
MAXIMINO, E. P. (1997). **Porto de Santos e o Portinho dos Piratas em retrospectiva um estudo de arqueologia industrial.** FFLCH-USP, Tese de Doutorado, São Paulo.

PEIXOTO, S. A., & Machado, C. (2022). Arqueologia Histórica na Região Sudeste do Brasil: passos e descompassos. Em L. C. Symanski, & M. A. Souza, **Arqueologia Histórica Brasileira** (pp. 571 - 613). Belo Horizonte: Editora UFMG.

SALWEN, B. (1973). Archaeology in Megalopolis. Em C. L. Redman, **Research and Theory in Current Archaeology** (pp. 151-163). New York: John Willey & Sons.

SALWEN, B. (1978). Archaeology in Megalopolis: update assessment. J**ournal of Field Archaeology,** 5(4), pp. 453-459. doi:https://doi.org/10.2307/529496.

SOUZA, R. d. (2010). **Louça branca para a Paulicéia: arqueologia histórica da fábrica de louças Santa Catharina / IRFM - São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913-1937).** Dissertação de Mestrado, Dissertação de Mestrado - Museu de Arqueologia e Etnologia - USP, São Paulo.

STASKI, E. (1982). Advances in Urban Archaeology. **Advances in Archaeological Method and Theory** (5), pp. 97-149. doi:https://doi.org/10.1016/B978-0-12-003105-4.50008-X.

STASKI, E. (Ed.). (1987a). **Living in Cities: current research in Urban Archaeology** (Special Publication n. 5 ed.). Ann Arbor: Society for Historical Archaeology.

STASKI, E. (1987b). Living in Cities: an introduction. (E. Staski, Ed.) **Historical Archaeology, Special Publication** (5), pp. IX-XI.

STASKI, E. (2008). Living in Cities Today. **Historical Archaeology**, 42(1), pp. 5-10. doi:https://doi.org/10.1007/BF03377060.

SYMANSKI, L. C. (1998). **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX.** Porto Alegre: EdiPUCRS.

SYMANSKI, L. C. (2009). Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. Em W. F. Morales, & F. Moi, **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira** (pp. 279 - 310). São Paulo: Annablume.

TEDESCO, G. V., & Carvalho, H. B. (2022). Arqueologia Histórica no Centro-Oeste do Brasil. Em L. C. Symanski, & M. A. Souza, **Arqueologia Histórica Brasileira** (pp. 543 - 569). Belo Horizonte: Editora UFMG.

TESSARO, P. A. (2014). **Pedaços de uma Paulicéia Espalhados pela Urbe: musealizando uma Arqueologia com a Cidade.** Dissertação de Mestrado - Museu de Arqueologia e Etnologia - USP, São Paulo. Fonte: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-06052014-124403/pt-br.php.

THIESEN, B. V., & Tavares, N. d. (2022). Arqueologia Histórica no Sul do Brasil. Em L. C. Symanski, & M. A. Souza, **Arqueologia Histórica Brasileira** (pp. 615 - 659). Belo Horizonte: Editora UFMG.

TRIGGER, B. G. (2004). História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Odysseus Editora.
VOGEL, A., & Mello, M. A. (1984). Sistemas Contruídos e Memória Social: uma arqueologia Urbana? **Revista de Arqueologia**, 2, pp. 46-50. doi:https://doi.org/10.24885/sab.v2i2.42